

GUIMARÃES, Aquiles e PROTA, Leonardo (org.). *Filosofia e Cultura, escritos em homenagem a Antônio Paim*. Londrina: Humanidades, 2009. 208 p.

O livro reúne um conjunto de estudos com a contribuição filosófica de Antônio Paim e foi editado como parte das comemorações do seu octogésimo aniversário. Poucos educadores brasileiros tiveram uma atuação tão marcante em sua geração quanto o homenageado.

O primeiro capítulo é da autoria do filósofo português António Braz Teixeira que examina os estudos de Antônio Paim sobre a moral. Ele observa que a problemática ética ocupa lugar de destaque em sua meditação, servindo de fio condutor da interpretação que efetiva sobre a história do pensamento brasileiro. Paim distingue ética e moral, sendo a primeira uma fundamentação das referências morais ou uma avaliação dos costumes. Este entendimento significa que a moral antecede a ética e que as regras que prescreve independem das considerações teóricas que a ética tece. Braz Teixeira observa que Paim reconhece a validade e independência da moral face às religiões, embora seu conteúdo não a restrinja ao plano racional. A moral nasce de uma tensão, recorda Braz Teixeira, entre a consciência e os princípios consagrados na sociedade, entre um componente subjetivo e certos preceitos determinados objetivamente. Desta forma, diz Teixeira, Paim reconhece o vínculo entre a moral e a vida cidadã e adota o modelo ético kantiano, para quem a ética, como reflexão sobre a moral, mantém autonomia frente à religião. Outro ponto fundamental da reflexão ética de Paim é a chamada experiência axiológica, já que toda vivência envolve uma escolha axiológica e que esta é anterior tanto ao ato perceptivo quanto às ações. Finalmente, Braz Teixeira indica o que aproxima Antônio Paim do filósofo brasileiro Miguel Reale, uma ética do homem situado em face de valores que adquirem reconhecimento universal no decorrer da história.

Ricardo Vélez Rodríguez destaca, no capítulo seguinte, o trabalho de Antônio Paim como historiador da Filosofia, destacando a análise isenta que ele faz dos autores. Esclarece que Antônio Paim desenvolveu uma metodologia singular que aplica às idéias

filosóficas, educacionais, políticas e historiográficas. Esta metodologia assegura a qualidade da investigação que parte da distinção entre problemas filosóficos, sistemas e perspectivas. Enquanto os primeiros estimulam a investigação filosófica, os sistemas estão em desuso hoje em dia. No terceiro patamar da criação filosófica estão as perspectivas transcendente e transcendental, distinção que remete a Kant. Usando estas três formas de examinar as ideias filosóficas estabelece a seguinte metodologia para o estudo da história da filosofia: identificar o problema ou problemas que preocupam o filósofo, entender a forma como ele responde a tais problemas e, tendo por base suas respostas, estabelecer relações entre os diversos autores. Ao desenvolver e aplicar este método, Paim se tornou um dos mais importantes historiadores da filosofia brasileira, contribuindo adicionalmente para clarear em que consiste a origem do pensamento filosófico.

Aquiles Guimarães examina um dos identificadores centrais da meditação filosófica de Antônio Paim, seu vínculo com a escola culturalista. Ele lembra que o culturalismo filosófico remonta ao neokantismo do final do século XIX, ocupado com a superação do naturalismo e do positivismo. Culturalistas alemães como Windelband, recorda Aquiles Guimarães, tratam como cultural as atividades da razão transcendental. Aliás, o legado de Kant para a filosofia da cultura foi ter apresentado a síntese como o fundamento das ciências. Assim o é porque os objetos nascem de sínteses da consciência transcendental. Os objetos nascem do poder criador do espírito e estão na base de toda produção cultural. Aquiles Guimarães afirma que o culturalismo de Antônio Paim está estruturado sobre esta base neokantiana que fornece os elementos mais promissores para compreender o processo cultural que ocorre na história. Nesta interpretação a cultura está estruturada sobre fundamentos morais e é ela que influi no curso da história. Portanto, a adequada compreensão dos problemas morais nos coloca no centro da jornada humana e do esforço para entendê-la. Por este motivo, Paim dedica grande esforço no exame das questões morais e das dificuldades que enfrenta o pensamento ético num tempo em que a massa de homens é indiferente a valores que transcendam os fatos banais da existência. Na avaliação de Aquiles Guimarães “o culturalismo abraçado e desenvolvido por Paim desde que de se libertou da aventura marxista-lenista é uma ontologia do homem tomado como criador e responsável pela sua destinação, no enraizamento moral da própria cultura por ele

produzida” (p. 55). Enfim, os dilemas da sociedade contemporânea são colocados no processo cultural e articulados com a moralidade.

O capítulo seguinte de autoria de Ana Maria Moog Rodrigues pensa a contribuição de Paim como historiador, adicionalmente esclarecendo qual o principal problema filosófico a que se dedica. Este problema, que Paim erige como o desafio maior da escola culturalista, consiste em “desvendar o ser do homem, privilegiando, nessa investigação, a atividade. Assim, a criação humana se constitui no objeto primordial da inquirição filosófica” (p. 59). Este é, portanto, o problema central, questão que, como assinalou Aquiles Guimarães, é a esfera na qual o homem realiza seu dever ser cuja raiz é moral. Ana Maria considera que investigar o modo humano de ser obriga ao enfrentamento do tema da liberdade, que sendo a base ontológica do homem, é o que definirá o rumo da cultura. Como filósofo da história, a autora compara Antônio Paim a Ernest Gellner, professor da London School of Economics, pois ambos consideram a impossibilidade de prever o futuro, mas ainda assim apostam na importância de se examinar os fatos históricos. Este estudo é significativo quando esclarece os fatores que poderiam ter promovido outras opções dos agentes históricos e levado a resultados diversos. No caso de Antônio Paim, ao estudar a história (inclusive a história das ideias) ele buscará entender “os diferentes fatores que teriam levado a opções feitas pelos homens de uma determinada cultura ao longo de sua história e que poderiam ter sido outras, com diverso resultado” (p. 61). Neste sentido, além de seus estudos, promoveu a realização de numerosas obras significativas para a história da filosofia brasileira.

Segue-se o capítulo elaborado por Leonardo Prota, que analisa a crítica de Paim ao marxismo, considerando fundamentalmente o livro *Balanço do Marxismo e Descendência*. Prota resenha e comenta a obra. Ele destaca o inacabamento da teoria marxista, fato que acabou favorecendo interpretações diferentes. Diz que Antônio Paim entende que Marx não elaborou um sistema acabado, acreditando que Georg Hegel o havia construído, notadamente o método dialético que assumiu como essencial à sua filosofia. Paim observa que, para Lênin, o marxismo foi influenciado pelo idealismo alemão, pela economia política inglesa e pelo socialismo francês. Esta multiplicidade de influências ajuda a entender porque a teoria se acomodou a tantas interpretações diferentes, algumas

sustentadas por tradições culturais incompatíveis entre si. Uma delas é o chamado Estado Patrimonial, típico de sociedades como a russa. Como o patrimonialismo, o marxismo defende um Estado mais forte que a sociedade. Esta circunstância promove uma situação incompatível com a doutrina de Marx tanto pela criação do campo socialista, ao qual os países podem aderir independentemente do nível do desenvolvimento em que estão, quanto da criação de um aparelho policial repressor não contemplado por Marx. Outra tradição incompatível com as ideias de Marx é o cientificismo especialmente na vertente francesa, que culmina numa espécie de marxismo estruturalista. O estruturalismo prioriza o sistema e não o indivíduo, o que leva a uma espécie de determinismo. O propósito da escola estruturalista é construir uma ciência social como um tipo de saber exato, o que não é adequado à reflexão de caráter filosófico. No caso brasileiro a tradição cientificista também criou um espaço de acolhimento do marxismo, bem como a tradição messiânica luso-brasileira igualmente favoreceu a aceitação desmedida da doutrina. Finalmente, na avaliação final da doutrina, Prota resume o entendimento de Paim de que “o marxismo é parte de um momento privilegiado da meditação ocidental: o idealismo alemão” (p. 95). Apesar disto, entende que fracassaram as tentativas de interpretá-lo como uma corrente filosófica entre outras.

Creusa Capalbo escreveu um capítulo denominado *Culturalismo, Democracia e Moralidade segundo Paim*. Afirma que a grandeza de um pensador está na qualidade com que ele estimula a reflexão de quem dele se aproxima. Considera que Antônio Paim faz isto abrindo diálogo com David Hume, Immanuel Kant e os neokantianos. Partilhando deste diálogo, Paim foca sua reflexão sobre a ética construída sobre o modo de vida das pessoas. O reconhecimento de que o homem é pessoa humana, eixo nuclear dos valores de nossa cultura, torna-se a questão central de onde evolui a meditação de Paim. Creusa Capalbo menciona a contribuição de Paim para o desenvolvimento do culturalismo brasileiro, que se concretiza na defesa da liberdade no âmbito do Estado de Direito. Afirma: “Trata-se de uma criação cultural na nossa época histórica, constituindo-se em objeto cultural, pois, como define Paim, para a escola a que se filia, a cultura configura uma esfera especial de objetos que se apresenta numa situação privilegiada na inquirição metafísica” (p. 105).

No capítulo seguinte apresentamos os marcos filosóficos de Antônio Paim. Alguns dos elementos considerados foram temas de outras análises e não serão repetidos. Para Paim, a origem da Filosofia se dá como problema ou como criação sistemática dentro de uma perspectiva, que é um ponto de vista irreduzível da consciência. Trata-se de “um esforço para dar uma visão unificada, uma explicação ao mundo e essa elaboração intelectual aparece numa perspectiva” (p. 109). Esta explicação está vinculada aos desafios de um tempo e é influenciada pela tradição filosófica consolidada. É este último aspecto que assegura a autonomia das ideias e a liberdade de criação. Outro ponto fundamental da reflexão de Paim é o entendimento de que a ontologia tornou-se uma teoria dos objetos. Paim distingue os objetos naturais, decorrentes da experiência imediata e intuitiva, os ideais que formam o pensamento lógico e matemático e os culturais que se referem aos valores. A cultura é, portanto, um objeto próprio de investigação filosófica e sua raiz é moral. A reflexão sobre a cultura culmina no reconhecimento de que o homem é um ser de necessidades, apesar de ser capaz de fazer escolhas morais. Este horizonte é também reflexo da irracionalidade dos homens e não só de ideias que também orientam as buscas humanas. A irracionalidade não apenas influencia o curso histórico, mas aparece nas disputas políticas. A política é o campo das disputas de interesses, muitas vezes contraditórios. Ela serve para melhorar a organização social em que pese a sobrevivência de incontáveis mazelas. Estes tópicos orientam a reflexão filosófica de Antônio Paim e apesar de integrarem diversos assuntos se encontram coerentemente organizados num pensamento bem elaborado e criativo. Por seus contornos insere-se na escola culturalista, como pensador é herdeiro dos marcos intelectuais postos por Tobias Barreto e Miguel Reale. Daí a conclusão: “Paim é um filósofo, sem deixar de ser um de nossos principais historiadores da filosofia brasileira de todos os tempos e um estudioso da ciência política” (p. 118).

No capítulo que elaborou, Luiz Osvaldo Leite destaca o trabalho de Paim na universalização da pesquisa da filosofia brasileira. Ele parte das primeiras historiografias do pensamento brasileiro elaboradas por Silvio Romero, Leonel Franca e Cruz Costa, mostrando a mudança de atitude representada pela pesquisa empreendida por Antônio Paim. Conjugado com o método comentado por Ricardo Vélez, o capítulo de Osvaldo Leite

amplia seu significado. Ele resume os trabalhos de pesquisa da filosofia brasileira realizado por uma geração de estudiosos formada por Antônio Paim.

Selvino Malfatti escreveu, num capítulo específico, um depoimento sobre a atuação de Paim como mestre e orientador. O seu texto contendo sua experiência pessoal como orientando do doutorado dá uma dimensão interessante da forma de atuar do educador. Malfatti mostra como Paim é um interlocutor extraordinário não só pelo respeito que tem com posições contrárias às suas, mas porque obriga o educando a tirar o melhor de si na defesa de suas posições. O testemunho de Malfatti, se não entra no íntimo do pensamento de Antônio Paim esclarece bem os motivos da admiração que seus alunos nutrem por ele.

Regina e Rosilene Pereira examinam as ideias de Paim sobre educação mostrando como elas se inserem no quadro geral das suas teses culturalistas. Destacam um aspecto fundamental comentado de passagem em outros capítulos: o impacto que a fenomenologia trouxe ao pensamento contemporâneo. Segue-se um resumo das teses culturalistas de Paim com ênfase nas questões educacionais, aspecto que diferencia a abordagem das autoras das interpretações anteriores. As autoras revelam que, segundo Paim, “a educação se apresenta como uma das formas mais poderosas que impulsionam a sociedade nela promovendo mudanças incalculáveis” (p. 162). E, neste sentido, a educação cumpre importante papel na luta pela implantação de uma realidade social cujos valores são contrários à existência natural. Pela educação, o homem aprende a usar a liberdade, a tomar posições que valorizam sua singularidade existencial. As autoras identificam nas ideias de Paim a influencia de Kant, para quem o princípio regulador do processo educativo é a liberdade “Esta se opõe à manipulação, à opressão, àquilo que pode coisificar o homem para propiciar-lhe uma educação humanizadora, libertadora, que também é um ideal” (p. 162). A educação da vontade, esclarece, não destrói a capacidade de escolher, mas elimina as ilusões de liberdade. O homem aprende a obedecer as leis e aos limites morais que é capaz de reconhecer com sua razão. Além destes propósitos elas recordam a enorme importância que Paim atribui à educação para a cidadania, pois é este o caminho para integrar o sujeito à vida social. Também mostra que a tecnologia e a ciência não representam qualquer problema sendo necessário apenas “não transformá-la em algo absoluto dissociado da realidade” (p. 165). Em síntese, elas consideram que o objetivo fundamental da filosofia da

educação de Antônio Paim seja o reconhecimento da dignidade de pensar e que o educando “saiba utilizar adequadamente a natureza, a ciência e a tecnologia, elabore cultura e usufrua a cultura existente. Para ele, o importante é que as novas gerações tenham uma compreensão adequada dos valores veiculados na sociedade, apresentem um comportamento ético ao fazer e utilizar as mais diversas culturas da humanidade” (p. 167).

Carneiro Leão escreve um capítulo sobre a crise vivida pela sociedade contemporânea. Ele não resume como Paim trata tal questão, mas faz uma descrição de como as coisas se encontram de um modo que valoriza a meditação de Paim sobre a moral e o modo de ser típico do homem. Neste sentido, destaca-se a importância que atribui à pessoa humana tida como o valor mais importante de nossa sociedade ocidental, tese que Carneiro Leão compartilha com Antônio Paim. Carneiro Leão considera como um problema grave de nosso tempo a violação ao ser humano pelas instituições democráticas e até pelos institutos científicos. Ao indicar tais problemas, chama atenção para a necessidade de considerar as contribuições de Antônio Paim sobre o assunto.

Tiago Tondinelli comenta a análise que Antônio Paim faz dos dois primeiros mandamentos da tradição judaico-cristã. O primeiro preconiza o amor a Deus como reconhecimento da perfeição que orienta o universo moral. Colocado na perspectiva transcendental o mandamento não prescreve um discurso sobre Deus, mas esclarece um ideal moral de perfeição. Por ele, o homem observa que suas ações morais “só têm sentido diante da contínua tendência de reformulação do indivíduo para melhor. Isso não significa que haja a necessidade de uma crença em verdades localizadas além do mundo possível” (p. 178). O primeiro mandamento tem, portanto, um sentido ético que aponta para a busca contínua da perfeição, impossível de ser alcançado pelo homem concreto em algum momento de sua jornada temporal. O segundo mandamento “não usar seu santo nome em vão” traduz, para Paim, a racionalidade moral chamada responsabilidade. Lembra o autor que o homem “é o único ser que tem consciência ontológica no sentido de que ele é capaz de se projetar para o futuro, tendo, portanto, como paradigma a noção da própria morte” (p. 180). A possibilidade de ir ao futuro permite que o homem considere os resultados do que irá acontecer. O senso de responsabilidade nasce da constatação de que a sua conduta modificará o mundo social para muito além da relação bilateral que estabelece com os

indivíduos de quem se aproxima. Tão importante quanto o esforço contínuo de realizar o ideal ético e de se ocupar responsabilmente das ações é perceber que as duas virtudes se complementam. Diz o autor: “que há uma relação direta e inseparável entre perfeição e responsabilidade, pois esta última visa a construção de conteúdos morais em que haja respeito pelo indivíduo, propondo ações e gerando uma educação racional a partir de exemplos e de sacrifícios” (p. 183). Daí a sua conclusão “ao relacionar o primeiro mandamento com o ideal de perfeição e o segundo com o ideal de responsabilidade, Paim mostra que ambos só têm sentido diante de uma devida significação no mundo da cultura: a perfeição depende da responsabilidade e esta gera méritos e deméritos ao sujeito apenas se este tiver aquela como sendo a representação de seus atos” (p. 187).

O capítulo final foi elaborado por Dinorah Berbet de Castro e apresenta o Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB) localizado na Bahia como a realização mais importante de Antônio Paim para sustentar as pesquisas sobre o pensamento brasileiro. Este Centro nasceu com a doação da biblioteca pessoal de Paim e é capaz de permitir a pesquisa bibliográfica “que preenche lacunas, liga períodos, ilustra épocas, ressalta nomes que representam a inteligência brasileira” (p. 190).

O livro reúne diversas interpretações do pensamento filosófico de Antônio Paim. Embora um ou outro autor refira-se à outras dimensões da obra do mestre, eles o fazem no tanto que isto se relaciona ou remete às ideias filosóficas de Antônio Paim. Elaborado como parte das comemorações do seu octogésimo aniversário, fica como registro de sua meditação filosófica. Não registra todo seu legado intelectual para a cultura brasileira, mas dá uma dimensão de quão significativo ela é.

*Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ – São João del-Rei - MG)*

Data de registro 01/03/2010

Data de aceite: 29/03/2010